

# Editorial

Stefan Fornos Klein (<https://orcid.org/0000-0001-7684-0565>)  
Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Tânia Mara Campos de Almeida (<https://orcid.org/0000-0003-4147-7668>)  
Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Caras leitoras, caros leitores,

após um ano difícil e para lá de atípico, *Sociedade e Estado* retoma seus trabalhos de publicação em 2021 com um número que enfrenta diversas questões candentes do contexto atual, ao mesmo tempo dialogando com objetos já estabelecidos das ciências sociais. Traz, de início, quatro artigos que discutem aspectos e efeitos relativos à pandemia de Covid-19 que marcou todo o ano de 2020 e ainda se alonga para este momento. Além disso há, ainda, contribuições abordando assuntos mais variados, tanto textos qualificados que se fundamentam sobre pesquisas empíricas recentes quanto reflexões de caráter teórico, destacando-se os temas do trabalho, de gênero e o recorte racial. O número conta, igualmente, com ampla contribuição internacional, ao publicar textos de autoras/es de Portugal, da Espanha e do Chile.

No texto “A Covid-19 chegou no Brasil, e daí? A primeira resposta das redes solidárias sob a perspectiva da dádiva”, tem-se os resultados de amplo trabalho coletivo, com a equipe de pesquisa liderada por Siegrid Guillaumon, contando, além da autora principal, com a coautoria de Eloisa Gonçalves da Silva Torlig, Caroline Cordova Bicudo da Costa, Fagner de Oliveira Dias e Andréia Elizabeth Silva Barros. Ao articularem a metodologia da análise de *cluster* com a teoria da dádiva, buscam compreender de que modo as redes de solidariedade conseguiram contribuir no enfrentamento da pandemia. Assim, destacam em particular a presença de três eixos importantes, a saber: (i) legitimidade e reconhecimento para as redes solidárias; (ii) fomento da parceria público-privada; e (iii) investimento para a ciência e tecnologia.

Paulo Gajanigo e Rogério Souza, no artigo “A pandemia e o ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos”, optam por abordar as questões do trauma, do luto e do extraordinário à luz de uma análise que buscar apontar o presente histórico particular da pandemia e os relatos do cotidiano, mapeados ao acessarem grupos virtuais usados para esse fim. Isso também

permite vislumbrar os elementos simbólicos que caracterizam esse tempo peculiar e marcante aos colaboradores da pesquisa.

Os efeitos das diferentes formas e expressões da violência no contexto pandêmico são o objeto da análise de “Uma rua na favela e uma janela na cela: precariedades, doenças e mortes dentro e fora dos muros”, de Fábio Mallart e Fábio Araújo. Os autores se dedicam a observar de que maneiras o que denominam as continuidades entre o dentro e o fora das prisões devem ser lidas a partir do papel das configurações espaciais que se colocam. Com isso, apreender as especificidades da relação entre as prisões, as favelas e as periferias de modo mais geral constitui o escopo da proposta, a qual reafirma referências bibliográficas que apontam para a distribuição diferencial do adoecimento e da morte na sociedade.

Por sua vez, Thays Monticelli, em seu artigo “Divisão sexual do trabalho, classe e pandemia: novas percepções?”, lida com a distinção entre a permanência das manifestações concretas da divisão sexual do trabalho, no contexto doméstico, em face da mudança de percepção e entendimento quanto a suas dependências e condicionantes. Ao focar especificamente a classe média, a autora se deparou com o fato de que as instituições escolares e o Estado passaram a ocupar outros papéis para as mulheres em meio ao fato de os arranjos sociais domésticos terem sido afetados pela disrupção pandêmica.

Ainda no tema do trabalho, a contribuição ibérica de María-Carmen Sánchez-Sellero, sob o título “Impacto del trabajo a turnos sobre la salud y la satisfacción laboral de los trabajadores en España”, investigou de que maneira essa forma de trabalho influenciou a saúde de trabalhadoras/es naquele país, com atenção particular às transformações recentes com a ampliação dessa forma de contratação. Combina o recurso de lançar mão de uma ampla análise quantitativa com o olhar sobre a literatura que vinha abordando o fenômeno.

Recorrendo à pesquisa qualitativa, tanto documental quanto por meio de entrevistas, Neiva Furlin assina o artigo “Políticas educacionais com perspectiva de gênero nos governos de Michelle Bachelet e Dilma Rousseff”. Em linhas gerais, busca comparar, aproximando e contrapondo, as maneiras por meio das quais, num cenário de recrudescimento da pauta conservadora em valores patriarcais, as chefias de executivos nacionais recentes de mulheres no Chile e no Brasil impactaram especificamente as políticas educacionais em termos de seu recorte de gênero.

Em “O belo, o feio e o abjeto nos corpos femininos”, Berenice Bento apresenta uma instigante reflexão no campo das formas de identificação, rejeição e condenação

dos corpos, buscando trazer para o cerne de sua análise o conceito de abjeção, a fim de fugir da díade – ou, como ela o denomina, da gradação – entre o belo e o feio. Argumenta, assim, que essas categorias amplamente reconhecidas se referem preponderantemente a corpos generificados, deixando em aberto e, por conseguinte, desqualificando os corpos de pessoas transgêneras e travestis, entre outros, que fogem aos sistemas de classificação estabelecidos pelo binarismo sexual.

No artigo “Ciência das políticas públicas: reflexões sobre sua diversidade analítica”, Luis Mota traz um mapeamento em relação aos diferentes quadros teóricos e de referência no que diz respeito ao tratamento científico das políticas públicas. Apon-ta, então, os diálogos que são travados com outros ramos das ciências sociais, bem como desenha alguns dos desafios que considera se colocarem a essa produção analítica.

Continuando o diálogo no campo das políticas públicas, Carlos Eduardo Santos Pi-nho busca tratar do que denomina as comunidades de austeridade fiscal em seu artigo “Welfare State and Epistemic Communities of Fiscal Austerity in Brazil: from Lula da Silva to Jair Bolsonaro (2003-2020)”. O panorama que apresenta visa recons-truir os debates e embates que, ao longo das últimas décadas no Brasil, orientaram a discussão político-econômica em torno do e, também, contra o assim chamado Estado de bem-estar social.

No ensaio “Jürgen Habermas e a guinada normativa no enunciado da autonomiza-ção das esferas sociais”, Lucas Trindade da Silva aborda consequências de como a produção teórica de Habermas influenciou a então nomeada guinada normativa. Empenhou-se em situar a abordagem de autor em relação a outros desdobramen-tos de tradição de crítica à reificação e, por essa via, contribuiu para retomar a longa discussão acerca da autonomização das esferas sociais.

Ao combinarem duas abordagens teóricas distintas, Luis Orellana Urtubia e Evgue-nia Fediakova, em “El Te Deum Evangélico en Chile, cuando la legitimidad religiosa y política es mutua”, procuram compreender e reconstruir, com riqueza de detalhes e em períodos sócio-históricos, de que maneira se originou a legitimidade religiosa e a aproximação com a política de Te Deum Evangélico entre 1973 a 1991. Com base em clássicos da sociologia da religião, desenvolvem reflexões a respeito de formas mais recentes de aprofundamento da relação política e religião por novos caminhos e, sobretudo, a partir de novos atores do campo religioso chileno.

Otávio Raposo, Pedro Varela, José Alberto Simões e Ricardo Campos nos brindam com a reflexão “Nos e fidju la di gueto, nos e fidju di imigranti, fidju di Cabo Verde:

estética, antirracismo e engajamentos no rap crioulo em Portugal”, um trabalho que viaja de Cabo Verde para Portugal no esteio das formas de manifestação artística e política expressas no rap, em particular o rap crioulo. Discutem, assim, sobre as expressões do antirracismo e o recurso ao rap enquanto expressão simbólico-política de enfrentamento e denúncia desse flagelo social.

No último artigo inédito e original publicado neste número, Erik Wellington Barbosa Borda expõe uma formidável reflexão teórica a respeito das contribuições e da subalternidade da produção de Oliver Cromwell Cox. Desse modo, “Entre racializações: Oliver C. Cox e a sociologia” aborda a trajetória inicial do autor, nascido em Trinidad e Tobago e que avançou sua carreira acadêmica nos Estados Unidos, contribuindo para o frutífero e atualíssimo debate em torno da intelectualidade afro-diaspórica.

O presente número traz, ainda, três resenhas: Marcos Abraão Fernandes Ribeiro resenha a nova e ampliada edição de *O Brasil-nação como ideologia. A construção retórica e sociopolítica da identidade nacional* (2020), de autoria de Fabrício Maciel; Alexandre Douglas Zaidan de Carvalho e Maurício Palma abordam a obra de Federico Finchelstein, *Do fascismo ao populismo na história* (2019), cujo balanço histórico dialoga com temas candentes do atual cenário político e social mundial. Finalmente, Breitner Tavares resenha a tão bem-vinda tradução para o português do livro de Ralf Bohnsack *Pesquisa social reconstrutiva – Introdução aos métodos qualitativos* (2020), que constitui uma contribuição central para a discussão metodológica nas ciências sociais.

Finalmente, publicamos “Cientistas como cidadãos e especialistas na detecção do desmatamento na Amazônia” (2017), tradução de texto de Marko Monteiro & Raoni Rajão originalmente disponibilizado na *Social Studies of Science*. A sua temática, tão atual quanto relevante, consiste em, com base no arcabouço teórico dos estudos sociais da ciência acerca da análise de controvérsias, pensar o duplo lugar ocupado por cientistas, com particular atenção às implicações políticas desse dualismo.

Essa tradução encontra-se disponível apenas na plataforma SEER da *Sociedade e Estado*. Igualmente, também estão exclusivamente nessa plataforma os habituais resumos de dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB) nos últimos meses.